

# Programa Formativo "Patrimônio, Memória e Gestão Cultural"



# **PROGRAMA FORMATIVO "PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E GESTÃO CULTURAL"**

Cauê Donato Silva Araujo  
Ludmila Figueiredo Alves Diniz  
Newton Ribeiro Machado Neto

## **Museus para além do "tradicional"**

Uma análise do Museu Catavento e de suas práticas

São Paulo – São Paulo

2021

## **Resumo**

O presente artigo busca refletir sobre o Museu Catavento, sua formulação e existência como museu – sob os pontos de vista legal e de constituição –, sua relação com o edifício sede, Palácio das Indústrias – importante patrimônio histórico –, e o entorno do Parque Dom Pedro II, bem como seu potencial para práticas educativas, que necessitam de reformulação, pautadas em novas metodologias de mediação cultural.

**Palavras-chave:** Museu Catavento; Museologia; Ações Educativas; Mediação Cultural.

## **Introdução**

O Museu Catavento, nosso objeto de pesquisa escolhido a fim de realizar o estudo de caso do trabalho final do Programa Formativo da Casa Mário de Andrade, foi inaugurado em 2006, na região central de São Paulo, tendo como edifício sede o Palácio das Indústrias, uma edificação histórica localizada no Parque Dom Pedro II, cuja construção, realizada entre os anos de 1911 e 1924, teve como intuito abrigar exposições agrícolas, industriais e comerciais.

O edifício foi projetado por Domiziano Rossi, em parceria com os arquitetos Francisco Ramos de Azevedo e Ricardo Severo. No decorrer das décadas, sua função foi se modificando, tendo sido cedido à Assembleia Constituinte do Estado e à Assembleia Legislativa, entre outras atribuições, até se tornar, hoje, o Catavento Museu de Ciências.

Neste trabalho, procuramos analisar de forma crítica o museu, a partir de três aspectos que consideramos importantes: seu posicionamento como instituição museológica, suas práticas educativas, e a relação do prédio que o abriga com seu entorno. Essas escolhas se baseiam na análise preliminar do plano museológico da instituição e em informações encontradas em outras fontes, como no site do museu.

### **Catavento: Museu ou não Museu?**

Os museus são instituições fortalecidas e consagradas nas sociedades. Oriundo de um processo ocidental de recolha, preservação e promoção dos saberes, memórias e conquistas da humanidade, o museu (conceito e instituição) foi se modificando ao longo dos séculos.

Se, a princípio, relacionamos a história da museologia aos gabinetes de curiosidades, hoje é um consenso que o museu, enquanto instituição, próxima ao que reconhecemos hoje, surgiu entre os séculos XVII e XVIII, no contexto do fim da era moderna e início do que chamamos de era contemporânea.

Entretanto, do ponto de vista conceitual, as mudanças do que conhecemos como museu são ainda mais profundas e recorrentes. O Conselho Internacional de Museus – ICOM é responsável por fomentar e discutir o conceito de museu. A última definição oficial é de 2007, mas está em revisão:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (ICOM, 2007).

Segundo os profissionais de museus atuantes no ICOM, devemos rever tal conceito, a fim de atualizá-lo para demandas e urgências contemporâneas.

Tal preâmbulo se faz necessário ao discutirmos o que de fato torna uma instituição cultural um museu. Basta se autodeclarar museu? É válido preservar um acervo, sem comunicá-lo à sociedade? Quais componentes técnicos podem confirmar o uso da palavra museu por uma instituição?

Ao escolhermos para esta análise o Catavento Museu de Ciências, essas questões passam a permear nosso diálogo constantemente. Por ser um museu mais recente, com grande apelo de visitantes – portanto considerado popular – e pelo seu processo de formação, essa é uma dúvida presente.

Dito isso, vale uma rápida reflexão sobre o que, de fato, faz uma instituição ser museu.

Pela própria definição do ICOM, entendemos que as principais funções de um museu são a pesquisa, a salvaguarda e a comunicação. E que várias são as estratégias que podem ser adotadas para que essas funções sejam cumpridas. Mas, as instituições museológicas fazem essas funções proporcionalmente?

Devido à natureza diversa, tanto de instituições museológicas, quanto de acervos e processos envolvidos no que entendemos como museu, podemos afirmar, com convicção, que não. Há uma disparidade grande no estabelecimento de funções e realização das mesmas nos museus.

De um ponto de vista legal, podemos resumidamente afirmar que o museu tem que ter, no contexto brasileiro, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ. Deve ter em seu corpo técnico, ao menos, um museólogo. E deve contar com um plano museológico estruturado. Se essa for nossa base de análise, o Catavento Museu de Ciências é, sim, um museu. Afinal, ele possui esses três elementos.

O debate pode ser realizado sob o prisma conceitual e funcional, no sentido da realização das funções do museu. Mas tal debate deve considerar as múltiplas formas de se fazer museologia. Se um museu universitário promove mais pesquisa do que comunicação,

ele não deixará, por isso, de ser um museu; se um museu de arte sacra comunica mais que salvaguarda, ele não deixará, também, de ser um museu.

Segundo o seu plano museológico (Catavento, 2019), o Catavento Museu de Ciências, com seu instituído centro de referência, vem promovendo ações de pesquisa interna e externa. Hoje ele é o ponto chave para articulações de pesquisa dentro da instituição. Sua importância está na qualificação das pesquisas internas – que usam o acervo – e na ligação com outras instituições que podem promover pontes transversais sobre temas pré-determinados.

Em seu plano museológico, a instituição não deixa claro quais são as pesquisas em andamento e nem quais projetos envolvem o centro de referência, ou ainda, como este se integra às outras partes do museu.

Museus como o Museu da Imigração do Estado de São Paulo e o Museu do Futebol têm centros de referência e pesquisa reconhecidos na museologia. Em ambos, os canais de contato para pesquisadores e afins é aberto. Incluem-se também as palestras, cursos e seminários que as instituições promovem.

A atuação do Catavento, nesse sentido, parece muito tímida diante dos museus supracitados. De acordo com seu plano estratégico (Catavento, 2020) o site da instituição é um dos principais caminhos de divulgação das pesquisas e processos desenvolvidos pelo centro de referência do museu.

Em análise crítica ao site e à seção “acervo” há três opções de subseções: “acervo”, artigos e pesquisas” e “centro de referência”. O “acervo” e o “centro de referência” trazem em seu conteúdo apenas um texto, que está presente no plano museológico, com breve conceito e informações sobre missão, visão e objetivos. Na aba o “centro de referência”, há ainda duas possibilidades de contato direto com a equipe, sendo um formulário de solicitação de trabalho acadêmico e outro formulário de solicitação de visita técnica.

É na subseção de “artigos e pesquisas” que podemos conhecer melhor o museu, seu acervo e a pesquisa desenvolvida sobre o mesmo. Existem seis artigos publicados. O mais antigo é de 2018 – o que demonstra quão recente tem sido as práticas de pesquisa sobre o acervo –, e sua maioria é de 2020. Um desses artigos é sobre o edifício sede da instituição, o Palácio das Indústrias; outro é sobre a construção do plano museológico, e o restante trata de aspectos do acervo. Todos os artigos são de autoria de colaboradores do museu, o que revela a falta de articulação com agentes externos de pesquisa, que possam colaborar para um debate crítico e construtivo sobre o acervo e a instituição.

O Plano Museológico (Catavento, 2019) ainda trata de informações sobre o acervo do Catavento, que é composto em sua maioria pela transferência dos objetos que vieram da Fundação Museu da Tecnologia de São Paulo – cerca de 70% – com uma gama diversa de tipologias, com foco em ciência e tecnologia. No plano museológico (Catavento, 2019), há a

definição de características dos objetos e materiais que compõem a instituição, por meio de seu programa de acervos, sendo eles: instalações, acervo e instalações potencializadas. Dentro do Programa de Acervo há objetivos de salvaguarda. Por isso, podemos afirmar que essa função está presente no Catavento.

Não podemos deixar de comentar que, apesar de as funções de pesquisa e gerenciamento de acervo estarem presentes no museu, fica evidente que esses pontos são incipientes e necessitam de mais investimentos e articulação com toda rede colaboradora do museu. É necessário criar parcerias de fato, que possam desenvolver pesquisas frutíferas e reflexivas, além de movimentar o acervo do ponto de vista gerencial, analisando sua documentação, processos de salvaguarda e acondicionamento, bem como de uma conexão com a comunicação.

A comunicação talvez seja a função mais clara desempenhada pelo Catavento Museu de Ciências, por duas razões. Há uma exposição, com proposta de expografia clara – independentemente de ser um sucesso do ponto de vista museográfico – que promove um percurso e nele traça possíveis debates para quem frequenta a instituição. Outro aspecto é o corpo educativo e suas ações. A equipe conta com mais de uma centena de colaboradores – o que mostra sua importância e força no museu –, desempenhando uma ligação entre o visitante e aquilo que está sendo exposto.

Com isso, podemos identificar o Catavento como um museu. Para uma instituição museológica tal afirmação é fundamental, pois mais que se autodenominar, ser e praticar os fundamentos da museologia é o objetivo central de um museu. Não devemos nos furtar de dizer que, ao confirmarmos o uso do termo para a definição do que se pratica no Catavento, não quer dizer que atestamos sua excelência ou que seja exemplo de práticas museológicas, e, muito menos, que não seja um espaço de qualidade, com boas práticas. Até aqui, nosso objetivo foi identificar, conceitual e institucionalmente, que o Catavento é um museu.

### **Parque Dom Pedro II e Palácio das Indústrias: o entorno faz parte do cotidiano da instituição?**

Para os museus, refletir sobre suas ações e o entendimento de si mesmo é crucial na contemporaneidade. Vivemos um momento ímpar de reestruturação dos discursos – promovendo múltiplas vozes e versões – e da promoção cultural, entendendo que a pluralidade e a diversidade só efetivamente ocorrem quando todos podem contribuir e se entender no patrimônio cultural. O caminho ainda é longo, mas os primeiros passos nos permitem ser otimistas.

Diante disso, a responsabilidade do museu em chamar a comunidade na qual ele está inserido se torna exercício emergencial. Os museus ditos tradicionais se descolam da

realidade circundante, ocupando um lugar de “alienígena” em relação às populações autóctones ou que são vizinhas.

Acerca do Catavento Museu de Ciências, muitos são os desafios para se estabelecer real diálogo com a comunidade que compõe a região do Parque Dom Pedro II, onde o museu está localizado. Traremos alguns apontamentos, deflagrando o descolamento da instituição com seu território, ao passo que também nos permitiremos refletir sobre alguns caminhos que podem romper com essa distância.

A região do Parque Dom Pedro II é essencialmente comercial. Esse fator dificulta algumas ações e aproximações da instituição. Mas tal fato não deve desanimar a gestão para promover atividades que possam se encaixar em horários alternativos, buscando aproximação com os trabalhadores da região e também com os empresários locais, sendo estes potenciais apoiadores do museu.

Um dos entraves para horários e ações flexíveis, voltadas para os trabalhadores e comerciantes da região, é a segurança pública. É sabido – e o plano museológico do Catavento reafirma – que a região sofre com a violência e com a falta de segurança pública. O plano museológico registrou em sua análise *SWOT* que uma das ameaças é “entorno vulnerável à violência” (CATAVENTO, 2019, p. 5). A questão da violência é muito sensível e de debate profundo em nossa sociedade, pois junto a ela estão desigualdades sociais, desemprego e uma série de problemáticas que vão além da capacidade de um museu solucionar e gerir. Entretanto, possíveis parcerias e uma aproximação com quem vive, trabalha e circula no entorno podem facilitar as redes de proteção e de atenção.

Associada à questão da violência está a ocupação da região por pessoas em situação de vulnerabilidade social. Há um contingente de pessoas em situação de rua e/ou pobreza no entorno, mas não há diálogo ou qualquer ação no museu para acolher esse público em potencial. A instituição é cercada por grades, o que cria uma barreira física e social de acesso, fazendo do museu um lugar para alguns e não para todos. Mais uma vez, fica claro que não é o Catavento que resolverá todos os problemas sociais do seu entorno, mas ele pode ser um agente de transformação, um interlocutor e mediador entre os vários atores sociais que podem mudar ou atenuar essa triste realidade.

O centro de São Paulo, especialmente a região onde está localizado o museu, tem sofrido processos de transformação econômica e esvaziamento habitacional, simbolizados pela expansão da Zona Cerealista e pela demolição dos edifícios São Vito e Mercúrio em 2011. Mesmo assim, a região ainda possui razoável densidade populacional e atrai uma grande quantidade de pessoas que transitam pelo centro da cidade, e que podem vir a constituir um público potencial a ser atendido pelo Catavento.

Vale reafirmar que apenas 10% da área é residencial. Mesmo assim, é possível a realização de ações de diálogo e aproximações, que até o presente não ocorrem neste museu.

Lidar com a comunidade do entorno do museu é abrir-se e tornar-se segunda casa para alguns, espaço de lazer e aprendizado para outros e até referência para muitos. Esse movimento tem de partir da instituição – se ela assim o desejar – ampliando o público e entendendo que este caminho pode tornar seus vizinhos colaboradores e defensores do museu.

A história do edifício onde está instalado o Catavento pode também ser musealizada, apresentando o Palácio das Indústrias como um elemento constante em uma região em permanente transformação, que reflete as diferentes concepções de urbanismo e de sociedade ao longo de sua existência.

O entorno do Catavento sintetiza as mudanças e conflitos ocorridos na cidade de São Paulo ao longo de sua história, desde a época em que era a Várzea do Carmo, passando pelo processo de urbanização que resultou na criação do Parque Dom Pedro II, durante o qual foi construído o Palácio das Indústrias, até a fase de abandono e descaracterização ocorrida entre as décadas de 1970 e 1980. Tais transformações também são observadas no próprio Palácio das Indústrias e nos diversos usos dados ao edifício, concebido como pavilhão de exposições e que, posteriormente, abrigou a Assembleia Legislativa, órgãos de segurança pública e a Prefeitura de São Paulo, antes de ser adaptado para receber essa instituição museológica.

O museu pode ter um papel relevante na valorização do entorno e na reversão dos processos de deterioração ali ocorridos, estabelecendo relações com os públicos e não-públicos da região à sua volta. Uma tarefa desafiadora, em vista da fragmentação da área, da insegurança e da dificuldade de acesso, mas que deve mesmo assim ser considerada na definição de objetivos do Catavento.

Tratando-se do museu, parece-nos superficial o discurso, por si só, de insegurança, violência e desigualdade social. Ao entendermos os museus como agentes de transformação social cabe, também a eles, agirem para modificar realidades, transformando-se em vetores de cidadania e socialização.

### **Ações Educativas: a grande potência do Catavento**

“Diga-me com quem andas, que te direi quem és”

Esse ditado é usado principalmente por pessoas mais velhas e experientes para provocar em jovens reflexões sobre suas companhias e amigos. O famoso ditado popular pode bem se aplicar aos museus e seus processos junto aos diferentes públicos.

Parte estratégica de uma instituição cultural é conhecer, delimitar e entender seus públicos. É dado – desde sua definição contemporânea – que o museu é feito de pessoas



para pessoas e, por tal característica, é fundamental que o mesmo conheça seus frequentadores, colaboradores e agentes sociais. É também um espaço de educação e comunicação, tendo a ação educativa como política social.

No campo da educação não-formal, o atendimento ao público e a realização de atividades se distinguem da educação formal. Podemos afirmar que a trajetória da educação nos museus remete ao seu surgimento no Ocidente, ao passo que durante as décadas do século XX as funções dos museus passaram a ser revistas.

Entre tais funções encontra-se o papel da educação em instituições museais, que tem o ano de 1958 como seu marco inicial de reflexão – devido ao Seminário Função Educativa dos Museus, promovido pela UNESCO –, e a década de 1970 como período de férteis proposições, revisões e novos caminhos, seja em ações em diversos museus do mundo, seja na criação de novas categorias de museus e na mudança do foco central das instituições, que buscam valorizar os múltiplos patrimônios culturais e uma nova participação dos públicos e das comunidades.

Para os museus e centros culturais, as ações educativas têm uma flexibilidade maior em relação ao tempo e aos espaços, bem como aos conteúdos e metodologias abordadas; afinal, elas são transversais a diversas áreas do conhecimento, pois entende-se que privilegiam a aprendizagem baseada em aspectos prévios, das experiências de vida, do cotidiano, além de considerarem a diversidade e possibilitarem diálogos, entre outras características (CHIOVATO, 2010).

Uma das funções essenciais do Museu Catavento é sua contribuição para a educação não formal, uma vez que procura expor seus visitantes a novas formas de entendimento do mundo, seja pela ciência, pela arte ou pela história.

Diante da enunciação de um museu que evoca a educação como prática inerente à sua existência, interessou-nos problematizar a relação do museu com seus públicos, suas práticas educativas propostas e, também, como o corpo educativo é entendido ou mesmo articulado na instituição.

No que tange aos visitantes, entendemos que o Catavento Museu de Ciências tem o foco evidente em dois públicos distintos: o escolar e o espontâneo. Nossas reflexões a seguir se pautam sobre práticas da instituição antes da pandemia de Covid-19 e das modificações que o setor cultural realizou para seguir em funcionamento.

A regularidade e a participação dos públicos, para além de conhecedores das ciências e especialistas, pode se fortalecer com a continuidade de práticas educativas, expandindo a função da instituição cultural para além de seus equipamentos, como produtora e circuladora de saberes, pautas, agendas e conhecimentos de públicos diversos.

O público escolar costumava ocupar o Catavento no período de terça-feira a sexta-feira. Eram hordas de ônibus cheios de estudantes que tinham a oportunidade de conhecer o

museu e sair do ambiente escolar clássico. O entendimento da escola sobre os lugares de memória (NORA, 1993) pode ser compreendido como uma característica das reflexões sobre a identidade e a produção desta, por meio do estímulo à valorização e à preservação da memória social e coletiva. Ou seja, podemos entender o museu como espaço privilegiado de práticas educativas, que valorizam a construção do ser humano e auxiliam a escola ampliando repertórios e oferecendo possibilidades de recursos pedagógicos e também lúdicos. Longe de sermos estetas frios, que acreditam na interação apenas pelo olhar, sabemos que a vivência da ciência por meio de experimentos, da ludicidade e do fazer criam caminhos de aprendizagem sólidos. Mas, não deve a instituição cultural valorizar a mediação mais que simplesmente o toque de um botão? É uma responsabilidade ética do museu transformar uma visita escolar em uma viagem de aprendizado e troca, mais do que simplesmente um passeio e escape do cotidiano dos corredores escolares. Assim, falta ao Catavento estratégias claras, para que a visita possa ir além de apenas um momento de diversão.

A grande massa de público espontâneo visitava o espaço aos finais de semana, sendo milhares de pessoas em apenas um dia – principalmente nas férias – fazendo do Catavento o museu mais visitado do Estado de São Paulo. Cerca de 70% do total de visitantes é espontâneo (Secretaria de Cultura e Economia Criativa, 2020). Nesse contexto, processos de mediação a instalações interativas nos parecem ainda mais relevantes. Vários são os caminhos que podem ser seguidos, mas caso se opte pelo fator pessoa física – educadores –, é claro que as metodologias e o próprio entendimento da função e importância desse profissional devem permear a instituição.

Seria absurdo dizer que as atividades para público infantojuvenil nos museus não são para entreter, ou ainda, que não existam atividades que tenham como público-alvo essa faixa etária. Mas em outros momentos, quando a atividade tem seu foco na família, podemos antever situações em que muitos responsáveis acabam se confundindo, esperando deixar a criança a cargo do educador/mediador cultural, o que não condiz com a realidade do trabalho desse profissional. Dito isso, vale uma breve reflexão sobre o corpo educativo e o entendimento do Catavento sobre essa equipe de trabalho.

No final do século XX uma renovação de nomenclaturas, processos e maneiras de fazer trazer nova luz ao debate da educação museal e como o profissional se encaixa nas diversas funções que esse eixo da instituição cultural pode abarcar. “Assim, é fundamental compreendermos que as diferentes nomenclaturas parecem perseguir historicamente as especificidades das funções e tipos de atividades desenvolvidas pelos setores educativos dos museus, na busca de sua autonomia e singularidade.” (CONCEITOS-CHAVE DA EDUCAÇÃO EM MUSEUS, 2016, p. 3).

Partindo do pressuposto que há uma diferença entre como se entendem os educadores, enquanto profissionais, e como são vistos por quem frequenta instituições

culturais, é importante abordarmos fundamentações conceituais para num segundo momento refletir para tal questão. Assim, o texto de mediação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), desenvolvido por Miriam Celeste é um importante ponto de partida:

Como conceito [1], tem sido usado na advocacia e está regulamentada por leis. Aristóteles já anunciava a justiça corretiva como mediação utilizada como um método alternativo na busca de solucionar conflitos e resolver litígios de forma justa para as partes. Em processos educativos é um conceito vislumbrado por estudiosos como Vygotsky, Bakhtin, Dewey, Freire, Rancière, entre outros, que estabelecem estreita relação entre a arte e a vida. No senso comum, talvez por influências do uso jurídico, nota-se que o conceito pode ser entendido como “ponte” entre lados opostos. Para além dessa ideia, nas áreas de educação, arte e cultura, o “estar no meio” implica complexa posição de “estar entre”, que possibilita uma rede de múltiplas provocações e possibilidades de relações entre sujeitos, objetos, espaços e contextos envolvidos. Um território potente e de tensões que abrange estranhamentos, surpresas, choque, indignação, afinidades, gostos, resistências, aberturas, diálogos, trocas, percepções ampliadas, empatia, alteridade. Assim, considerando o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura, a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “mediação cultural”. (MARTINS, 2018, p.85).

Bem, o mediador, como apontado por Miriam Celeste (2018), e a própria mediação cultural são um entremeio que permite uma série de interações, inclusive de descontinuidades, comprometido com o diálogo, mas não apenas propiciado pelo educador/mediador cultural e, sim, por todas as partes envolvidas nesse fazer impregnado de processos educativos.

O entendimento do profissional que atua no Catavento Museu de Ciências é frágil. Apesar de uma equipe robusta, com grande número de profissionais, não percebemos clareza, enquanto observadores da estrutura do museu, da existência de um processo qualitativo de atendimento e mediação. São mais de uma dúzia de chamados educadores, com funções ligadas à produção e ao gerenciamento de conteúdo – principalmente conteúdo online – para o site, redes sociais e outras demandas do museu; já o grande número de funcionários é de orientadores de público, inseridos em um núcleo de atendimento ao público, segundo o site do museu. Esse grupo, composto por mais de cinquenta estagiários e mais de uma dezena de atendentes, lida diretamente com o público e pratica, ou deveria praticar, mediação cultural. É relevante afirmar que a condução da organização da equipe reflete, a nosso ver, mecanismos retrógrados e desvalorizam o maior potencial desse museu, que é sua prática educativa. Buscar refletir sobre o entendimento dessa prática e suas metodologias de ação nos parece fundamental.

Personalidades como Ana Mae Barbosa tiveram grande importância para esse debate no Brasil. Ao buscar novas maneiras de fazer, essencialmente o museu busca novas maneiras

de se relacionar, em um exercício de ampliar mais o acesso e as possibilidades de conversa com os públicos em sua diversidade.

No Brasil, a mediação educacional da arte vem se consolidando como prática e teoria, segundo propostas e abordagens específicas, principalmente sob o pensamento da Arte/Educação, pelo menos desde o final da década de 1980 [...] a mediação educacional configura uma instância relativamente profissionalizada, se levarmos em conta sua atuação e presença, como um setor, nas principais instituições culturais e exposições de arte no país – é claro, isso ainda não implica condições de formação, nem de trabalho favoráveis a uma carreira, que inexistem para a quase totalidade dos mediadores. (HONORATO, 2010, p. 2004).

Assim, percebemos o caminhar do fazer mediação e como essa construção não é, assim, tão recente. Mesmo que pareça algo novo, traz o acúmulo histórico de vivências de mais de dois séculos de instituições culturais que praticam educação e que, nas últimas décadas, vem repensando maneiras apropriadas de fazer.

Logo, mediação é encontro e diálogo, vivência e experiência, mas também é percepção – múltipla – tendo nessa perspectiva a mediação como dissenso (HOFF; HONORATO, 2018, p. 171), não tomando-o como confronto ou conflito por si, mas a compreensão da nossa sociedade e do cenário atual em que vivemos como pano de fundo e ponto de partida para qualquer atividade de mediação cultural.

Todas essas premissas nos fazem perceber, criticamente, como o Catavento desenvolve seu programa educativo, quer dizer, o setor educativo, pois não identificamos um entendimento de programa nas ações recorrentes e nem uma estrutura que norteie as práticas ou metodologias adotadas pela instituição no que concerne ao trabalho dos educadores. Com isso, não queremos dizer que o museu não pratica educação museal ou metodologias de mediação cultural; para tanto, seria necessária uma análise mais densa e interna. Mas podemos dizer que há um apego ao lúdico e um apoio a mecanismos de interação que muitas vezes se tornam protagonistas e não meios de se estabelecer uma relação com o público. Vale muito ter um museu que recebe o grande público e que diverte crianças e adultos.

Todavia, em práticas educativas em museus, na contemporaneidade, existem possibilidades mais densas e tão interessantes quanto as levantadas acima. Para entender um novo contexto vale afirmarmos o que é mediação cultural enquanto ação:

[...] compreender a mediação como ação [3] implica voltar-se ao conceito que o coloca “entre” outros na busca de uma maior aproximação com os objetos e as manifestações artísticas. Não basta o acesso tendo em vista a socialização da arte. Não bastam apenas informações gerais. Levar em conta as diferentes necessidades do público com o oferecimento de diversos meios – como catálogos, materiais educativos, audioguias, jogos para a família,

dispositivos específicos para grupos de surdos ou cegos, formação para aos educadores etc. – é importante e tem por objetivo facilitar o acesso e democratizar as culturas. Entretanto, para tornar a visita “uma experiência estética”, como diria Dewey, a atitude frente ao outro, frente aos objetos e ao próprio museu ou instituição cultural há de ser um convite à *aesthesis*, desarmando a anestesia que leva à indiferença. Um convite à disponibilidade e à abertura frente ao que lê e interpreta com seus próprios referenciais ampliados no diálogo e na multiplicidade de camadas de sentidos que a arte, os objetos, o patrimônio e as manifestações culturais evocam, nos espaços em que são preservados, expostos e divulgados. Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico. Os estudos e as pesquisas têm se avolumado neste campo, assim como se vê surgir o que alguns denominam como *educational turn*, o que evidencia o caráter provisório de um verbete que poderia ser considerado em processo, enredado no dinamismo da cultura contemporânea. (MARTINS, 2018, p.85).

O encontro, que vai além da tríade obra, mediador e público, é fundamental para a mediação cultural – ir além do que é palpável no momento, das letras nas legendas, dos toques nas telas, subjetivamente trocar olhares, dizeres e momentos com os que estão ali, no agora, no momento da mediação.

## **Conclusão**

Como apontamos neste trabalho, o Catavento Museu de Ciências é uma instituição relativamente nova, ainda em expansão e, assim como qualquer instituição em crescimento, comete erros e acertos, tendo a percorrer, ainda, um complexo caminho de aperfeiçoamento. É preciso comemorar todos os seus sucessos, pois eles geram motivação, mas também é necessário aprender com as falhas e corrigi-las.

É evidente que para o Catavento a comunicação é um desafio. Podemos notar nas suas páginas de internet e em seu plano museológico a falta de apresentação das atividades da instituição e seu acervo. A forma de interagir com a região em que está inserida também deveria ser mais convidativa, tornando a instituição um museu para todos.

Para aproveitar todo o potencial que a instituição possui para se tornar um grande museu de ciências, é preciso olhar para dentro e agir, mudar a sua postura com seu entorno, suas práticas educativas, entre outros, e por consequência proporcionar visitas ainda melhores e inesquecíveis. Tais mudanças devem estar pautadas em conceitos da museologia contemporânea e alinhadas com demandas sociais do século XXI, pois não podemos nos contentar com que os museus neste tempo se reduzam a ser fiéis depositários de objetos, ou narradores de histórias a partir de um único ponto de vista. Deve-se buscar construir um espaço de múltiplas vozes e múltiplos agentes sociais, atuando para se tornar um museu que

acolha sua função social, abra suas portas aos vizinhos e se conecte com o espaço que ocupa. Ademais, fica nosso desejo de ver bons frutos no Catavento.

## Referências

CHIOVATTO, Milene. **Ação educativa: mediação cultural em museus**. Comunicação apresentada nas Jornadas Culturais 2010, do Centro de Memória Bunge, São Paulo, 2010. Disponível em <[https://museu.pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2017/01/MILA\\_CHIOVATTO\\_acao\\_educativa\\_mediacao\\_cultural\\_em\\_museus.pdf](https://museu.pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2017/01/MILA_CHIOVATTO_acao_educativa_mediacao_cultural_em_museus.pdf)>. Acesso em 04 set. 2021.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. **Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano**. 2011. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/%20208/169>>. Acesso em 20 jun. 2021.

HOFF, Mônica; HONORATO, Cayo. Mediação não é representação: uma conversa. In: Cervetto, Renata; López, Miguel A (org.). **Agite antes de usar. Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018.

HONORATO, Cayo. Mediação educacional e sistema da arte. **19º Encontro da ANPAP**. Cachoeira-BA. 2010. Disponível em <[http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/cayo\\_vinicius\\_honorato\\_da\\_silva.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/cayo_vinicius_honorato_da_silva.pdf)>. Acesso em 02 de set. 2021.

ICOM -Conselho Internacional de Museus. Disponível em: <http://www.icom.org.br/>. Acesso em 01 ago. 2021.

IPATRIMÔNIO. **São Paulo - Palácio das Indústrias**. Disponível em <<http://www.ipatrimonio.org/palacio-das-industrias/#!/map=38329&loc=-23.544161000000003,-46.627823,17>>. Acesso em 14 ago. 2021.

MARTINS, Miriam Celeste. Mediação. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal - PNEM**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

MUSEU CATAVENTO. **Museu Catavento: Museu de Ciências**. Disponível em <<https://museucatavento.org.br/home>>. Acesso em 02 ago. 2021.

MUSEU CATAVENTO. **Plano Estratégico**. São Paulo: Catavento, 2020.

MUSEU CATAVENTO. **Plano Museológico**. São Paulo: Catavento, 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE SÃO PAULO (Estado). **Conceitos-chave da educação em museus**. Documento aberto para discussão. São Paulo: UPPM/SEC 2016. Disponível em <<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/Bases-para-a-Pol%c3%adtica-Nacional-de-Museus.pdf>>. Acesso em 10 set. 2021.

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DE SÃO PAULO (Estado). **Catavento e Casa das Rosas estão entre os museus mais visitados do país**. Disponível em <<https://www.cultura.sp.gov.br/catavento-e-casa-das-rosas-estao-entre-os-museus-mais-visitados-do-pais/>>. Acesso em 12 set. 2021.